



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 30

A caminho da morteⁱ

Texto-base: Mt 26.36 - 27.31

Poucos indivíduos saltam das páginas da história com mais profunda ironia colada às suas vidas do que o Senhor Jesus Cristo; e Mateus estava ciente desse fato. Ele notou que Jesus experimentou fome (4:2), mas alimentou os outros (14:13-21; 15:29-39). Jesus cansou-Se (8:24), todavia deu descanso aos outros (11:28). Embora Ele fosse Rei, o Messias, Ele pagou tributo (17:24-27). Ele foi chamado de endemoninhado, mas expulsou demônios (12:22-32). Ele morreu a morte de um pecador, porém veio salvar o Seu povo dos seus pecados (1:21). Vendido por trinta moedas de prata (26:14-16), Ele deu Sua vida em resgate de muitos (20:28). Ele que não transformava as pedras em pão para Si próprio (4:3,4) deu Seu próprio corpo como pão para o povo (26:26).

Contudo, em nenhum lugar essa ironia é mais penetrante do que na morte de Cristo. Seus inimigos acreditavam que eles O estavam destruindo; porém poucos entendiam que a destruição que conseguiram foi o meio de Deus redimir um mundo caído. Os inimigos do Messias pensavam que haviam infligido a derrota máxima; mas na providência sábia de Deus, aquela derrota foi o maior triunfo do Messias. Nas palavras imortais de S. W. Gandy: *“Ele o inferno no inferno lançou; Feito pecado, Ele o pecado derrotou; Submeteu-Se à sepultura, e assim a destruiu, E a morte, Ele morrendo, matou”*.

Como a morte de Jesus Cristo foi única, assim também foram os eventos agonizantes que levaram até ela. No âmago da sua singularidade está o fato de que Jesus não foi um mártir. Um mártir acredita tão fortemente num princípio ou numa causa que a sociedade ao seu redor opõe, a ponto da morte tornar-se inevitável. Nesse sentido, o mártir perde controle do seu próprio destino. Não foi assim com Jesus! Um mártir nunca poderia dizer: *“Ou pensas tu que eu não poderia rogar a meu Pai, e que ele não me mandaria agora mesmo mais de doze legiões de anjos?”* (26:53). Devemos concluir que o Senhor Jesus foi para a Sua morte sabendo muito bem ser a vontade do Seu Pai que Ele deveria perecer sozinho e abandonado, como o cordeiro sacrificial da Páscoa.

Mas embora Ele estivesse comprometido com a vontade do Seu Pai, Jesus mesmo assim enfrentou a terribilidade da cruz com temor, solidão, profunda agonia na Sua alma, e lágrimas. Até esse momento, Jesus parecia ter exercido o mais severo autocontrole a fim de encobrir Sua angústia; mas agora, num campo fechado ao lado do Monte das Oliveiras, num jardim chamado Getsêmani, Ele confessou aos Seus discípulos mais íntimos, “A minha alma está triste até a morte” (26:38). Ele quis dizer que Sua tristeza era tão profunda que ela estava quase O matando, não que ela fosse tão dolorosa que Ele desejava estar morto. Lamentavelmente, os três discípulos que poderiam ter sustentado uma pequena parte daquela tristeza para Ele, vigiando em oração com Ele, perderam a oportunidade e logo caíram no sono (26:39-45). Jesus continuou orando, prostrado pela profundidade da Sua angústia.

O resumo da Sua petição de uma hora de duração, repetida duas vezes, mostra o âmago do Seu conflito: “Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (26:39). O “cálice” aqui refere-se não somente ao Seu sofrimento e morte que estão para acontecer, mas, como muitas vezes no Velho Testamento, refere-se à ira de Deus (veja Salmos 75:7,8; Isaías 51:22; Jeremias 25:15,16; Ezequiel 23:31-34). A oração agonizante de Jesus precedeu a rejeição pelo Seu Pai que Ele iria sentir mais profundamente, conforme Mateus 27:46.

Em todas as várias provações, açoitamentos e zombarias a que Jesus Se submeteu, Seu próprio caráter sobressaiu-se mais e mais claramente contra o cenário de fundo da corrupção moral, da lealdade fracassada, e da crueldade pérfida ao Seu redor. Mesmo a prisão foi facilitada por um beijo traidor (26:49). Nos dias anteriores às fotografias, aos jornais, e às televisões, muitas pessoas tinham apenas uma vaga ideia de como se parecia até mesmo uma figura bem conhecida como Jesus; sem dúvida as autoridades temiam que na escuridão da noite Jesus pudesse escapulir ou passar despercebido na confusão. E é por isso que um ato que simbolizava afeição tornou-se um símbolo infame de amor traído.

Mesmo a tentativa de Pedro de defender Jesus com uma espada foi tão patético como magnífico (26:51-54; Pedro é mencionado por nome em João 18:10). Sua ação representou uma coragem magnífica. Após ouvir repetidas advertências sobre o perigo da deserção, Pedro sentiu que o teste crucial havia chegado; e ele resolveu provar que era homem de palavra (26:35).

Contudo, sua ação não foi menos patética. Nada revelou seu fracasso completo em compreender as razões fundamentais para Jesus ir à cruz mais do que seu apego impetuoso da sua espada. Ele ainda acreditava que o reino do Messias viria com poder militar e demonstrações espetaculares de poder contra os romanos e contra os líderes corruptos. Pior, quando ele foi repreendido, sua coragem moral evaporou-se tão completamente que ele fugiu como todos os outros discípulos (26:56), e acabou amaldiçoando e blasfemando num esforço frenético de distanciar-se

dAquele a quem ele havia jurado lealdade eterna (26:69-75). Coragem física ele tinha de sobra; porém quando essa se provou inútil, ele não tinha conhecimento de nenhum outro recurso. O máximo que se pode dizer a favor dele - e é bastante - é que quando o galo cantou ele se lembrou da predição de Jesus, saiu, e chorou amargamente (26:34,75).

Judas se deu muito pior. Ele não apenas reconheceu que era culpado de traição, mas que a pessoa traída era inocente (27:4). O dinheiro que ele devolveu acabou se tomando como o preço de compra de um campo cerimonialmente poluído onde estrangeiros ao pacto de Israel podiam ser enterrados; e lá Judas acabou com a própria vida (27:5-10).

A conduta dos oficiais, tanto judeus como romanos, não foi mais atraente. Jesus enfrentou um tribunal judaico que fazia de tudo para encontrar evidência, verdadeira ou falsa, que o permitiria voltar com um veredicto de culpado (26:59,60). Mesmo a linguagem tipológica de Jesus sobre o “templo” do Seu corpo (veja João 2:19-22) foi usada para sugerir que Ele era uma pessoa odiosa que destruía e profanava os lugares santos (26:59,60) - uma acusação séria no mundo antigo.

Finalmente o sumo sacerdote deu o xeque-mate na questão; ele colocou Jesus sob juramento para dizer se Ele era ou não o Messias prometido (26:63). Dado os compromissos do tribunal, o resultado agora era inevitável. Incapaz e sem vontade de acreditar que Jesus era o Messias, o tribunal declarou que a confissão de Jesus (26:64) não era mais que blasfêmia, blasfêmia merecedora de morte. Incapaz de esconder seu veneno por mais tempo, os acusadores de Cristo degeneraram numa zombaria mordaz e numa agressão descontrolada (26:67,68).

Cedo de manhã, todo o supremo tribunal judaico, o Sinédrio, chegou a uma decisão formal de buscar a pena de morte (27:1,2), uma sanção que poderia ser outorgada somente pelo chefe supremo romano. Um segundo julgamento era, portanto, necessário. Nesse julgamento diante de Pilatos, entretanto, os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus teriam que apresentar suas acusações em termos políticos. Pilatos não teria dado a menor atenção à questão do messianismo, a não ser que o messianismo fosse vinculado à autoridade política que ameaçava Roma. A acusação então se tornava traição - uma ofensa capital. Jesus foi apresentado a Pilatos como “o rei dos judeus” (27:11).

Embora Pilatos fosse um homem fraco e mau, ele não era um tolo. Ele conseguia ver que os líderes judaicos, famosos por seu desgosto de Roma, não entregariam alguém às autoridades romanas se eles pensassem honestamente que ele pudesse trazer libertação de Roma. Seus motivos neste caso, portanto, eram suspeitos; e Pilatos percebeu inveja (27:18). Mas sendo o covarde moral que ele era, ele entregou Jesus de volta a eles, e lavou suas mãos para se eximir (27:24) - como se a

água pudesse remover uma mácula tão profunda. Pilatos poderia tê-lo deixado ir (veja Atos 3:13,14); porém o futuro político de Pilatos dependia da sua habilidade de manter a paz, e temendo um tumulto ele decidiu que o seu futuro político era muito mais importante do que as exigências de justiça.

A conduta dos soldados romanos (27:27-31) mostrou a humanidade no seu pior estado, o tipo de conduta que cria Auschwitz e câmaras de tortura - a brutalidade da autoridade descontrolada e irresponsável num mundo caído. A chicotada (27:26) era procedimento padrão para os prisioneiros que estavam para ser crucificados; a zombaria selvagem que se seguiu (27:27-31) não era. Os soldados sem dúvida pensaram que estavam sendo prazerosamente irônicos, chamando de rei um homem apontado para enfrentar a vergonha e a dor da cruz. Contudo, a cena ostenta uma ironia muito maior do que eles podiam imaginar; pois Jesus era - e é - de verdade, o Rei, o Messias, a quem mesmo aqueles soldados um dia prestarão contas.

ⁱ Esta lição corresponde à parte do capítulo 12 do livro **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES).